O Espírito Santo na obra de Lucas

"Vem, vem, vem,
Vem, Espírito Santo de Amor.
Vem a nós. Traz à Igreja um novo vigor".

...E de todo canto, católico ou evangélico, parece ter-se incendiado uma nova sensibilidade pelo Espírito.

Isso nos empurra a pedir ao cantor do Espírito Santo, o evangelista Lucas, que nos ajude a entender esse Espírito e a sua ação nas comunidades e – por elas – no mundo.

É necessário definir qual é o nosso ponto de observação, nesta pesquisa. As comunidades, evidentemente. E, entre as várias formas em que elas se apresentam, privilegiamos aquela forma que manifesta o "novo modo da Igreja ser".

1. COMO É O ATUAL MOMENTO DAS CEBs?

Iniciamos com algumas indicações de Faustino L.C. Teixeira. Segundo este autor, fala-se em "diminuição das certezas e aumento das indagações em um processo de *criação* e recriação permanente, aberta aos *novos sinais dos tempos*, descobrindo *trilhas inéditas*". A realidade constantemente muda e a presença cristã no meio dela precisa de nova sensibilidade, para "redefinir sua cidadania". Entre os desafios maiores que a comunidade cristã é chamada a enfrentar estão:

1.1. *Inculturação da fé e religiosidade popular*. O Evangelho está se difundindo. É uma boa notícia para todos mas que "tomou formas" diferentes ao longo da história. A maioria dos evangelizadores tem a "forma" da cultura ocidental-iluminista, que toca mais a razão e por isso "as verdades"; a maioria do povo, ao contrário, tem a "forma" da religiosidade popular, mais próxima ao coração, ao sentimento, ao maravilhoso que se contempla, não necessariamente se explica.

1.2. *Impulso missionário no mundo dos empobrecidos*. Grande parte do povo está à margem do trabalho organizado da pastoral popular e dos setores do movimento popular: e são os mais pobres, aqueles que não se identificam com nossa linguagem moderna.

1.3. *Espiritualidade*. O que o Espírito pede à sua igreja? (cf. Ap 2,7.11.17.29; 3,6.13.22). Sempre que seja seguidora de Jesus vivendo seu projeto: o *êxodo* como saída para os empobrecidos; o *compromisso* como prática libertadora; a *proximidade* do Senhor feita de gratuidade, de encontro amoroso, de intimidade (Jo 1,39). É algo que extrapola a lógica da eficácia, mas transborda nela. É liberdade, alegria, expressão de plenitude de vida. É assumir a fé como grandeza autônoma, como gratuidade gratuita.

Tendo presentes esses "gemidos do Espírito" dentro do "aumento das indagações" queremos abrir olhos e coração às propostas que Lucas faz na sua obra: Evangelho e Atos. São os nossos desafios que, no fundo, desafiaram igualmente a comunidade de Lucas.

2. A COMUNIDADE DE LUCAS

Éfeso? Corinto? Certamente uma comunidade prevalentemente de cultura pagã, no coração do império romano, em torno aos anos 80-85: terceira geração de cristãos. Havia passado o tempo do grande fervor dos convertidos. A Comunidade dá sinais de acomodação. Os desafios são muitos. O novo urge, bate às portas, mas elas continuavam fechadas. A partir das "insistências e exclusividades" na obra de Lucas: Evangelho (Lc) e Atos dos Apóstolos (At), podemos ter um retrato da sua comunidade.

Temos muitas *mesas*, *banquetes*, sinal de que o problema era o "comer juntos". Os que vinham do mundo judaico ainda não tinham conseguido superar a lei do puro e impuro e permaneciam na velha identidade judaica, sem abrir a porta à novidade evangélica da fraternidade. Isso acontecia também a nível de comunidades: *as "listas"* em At 1,13; 6,5; 13,1 encabeçam a apresentação de três "modelos" de comunidade em três culturas diferentes: judaica, judeu-helenista, pagã; e o relacionamento está marcado pelo conflito, pois que a primeira comunidade quer impor a sua "cultura" às outras, como conteúdo de fé. É o mesmo nosso problema de hoje: como inculturar a fé?

Temos muitos *ricos e pobres* em Lc e em At e por trás está a pergunta-desafio da comunidade de Lucas: Como conciliar a boa notícia para os pobres com a entrada na comunidade de pessoas ricas convertidas?

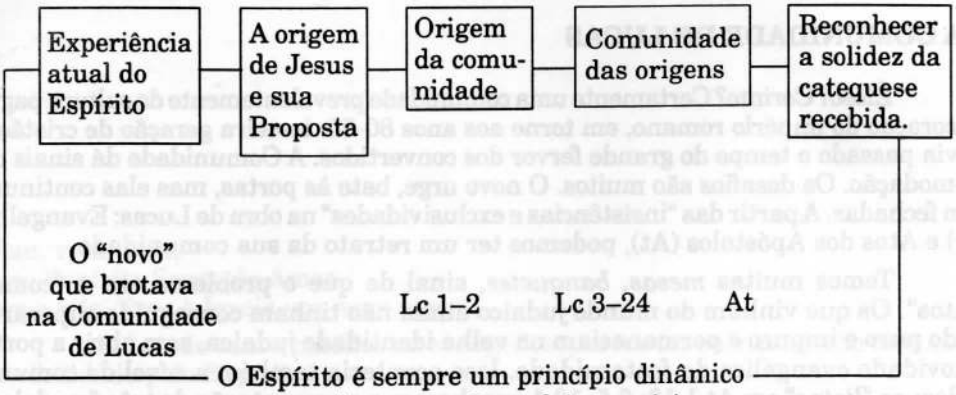
Entre os ricos, tem gente que assume funções importantes dentro do *império*. É possível ser cristão e pertencer ao império idólatra? Além disso, na obra de Lucas aparecem tantas *mulheres*, sempre olhadas com carinho e valorizadas pelo autor. Será que por trás não existe o esforço para conciliar a mentalidade judaica e a grega, a respeito da mulher? Aquela mulher que a tradição farisaica tinha marginalizado? Tudo isso também reflete alguns dos nossos problemas de hoje referentes ao impulso missionário e ao mundo dos marginalizados. Em At 20,29 se fala de *"lobos vorazes* que não pouparão o rebanho" e que aparecerão depois da saída de Paulo de Éfeso. Quer dizer que já estavam presentes quando Lucas escreve. Mais ainda: "Mesmo dentro de vós (fala aos "episkopoi": os responsáveis pela comunidade) surgirão alguns falando coisas pervertidas para arrastarem atrás de si os discípulos" (At 20,30). É o problema da interpretação errada da pessoa e obra de Jesus, que cria caminhos errados de seguimento. É o tema da espiritualidade. Qual o caminho certo?

Frente aos problemas da sua comunidade, Lucas sente a necessidade de escrever uma nova apresentação sintética "do que Jesus fez e ensinou desde o princípio" (At 1,1) para que qualquer discípulo que ame a Deus ("Teófilo") "possa verificar a solidez da catequese que recebeu" (Lc 1,4) e, a partir daí, não se deixe iludir

pelos "lobos", mas procure encontrar novos caminhos de fidelidade. Para dar certo, Lucas precisava ter *critérios* certos, que resultassem numa *metodologia* segura.

A sua comunidade era formada por judeus (acostumados ao mundo das Escrituras Sagradas) e pagãos (que não conheciam o mundo bíblico). Por isso "a verificação da solidez da catequese" não podia ter como critério exclusivo as Escrituras (válidas para os judeus mas estranhas para os pagãos). Lucas encontra uma outra *base comum* como critério certo, a partir da própria experiência atual dos convertidos. E isso é novidade. O Espírito de Deus que hoje chama a atuar como testemunha é o mesmo que chamou Jesus, atuou nele e formou a primeira comunidade dos apóstolos.

Graficamente:



A releitura que Lucas faz tem como finalidade discernir a presença do Espírito em todos os sinais que a realidade propõe, para que o catequizado seja disponível a abrir caminhos sempre novos.

3. O TEXTO

O projeto unitário de Lucas aparece claramente na sua obra, em dois tomos, mas de uma unidade estrutural admirável. O elemento unificador que a perpassa é a ação do Espírito Santo. Apresentamos antes uma visão sintética da estrutura de Lucas-Atos, para depois analisar cada uma das partes.

3.1. A estrutura da obra de Lucas

A obra se inicia com Lc 1–2, o chamado "Evangelho da infância". No plano geral esses dois capítulos correspondem à origem de Jesus e de sua proposta. É o ponto final de uma longa preparação (o Antigo Testamento que continuamente aparece através do gênero literário de Midrash); e é também o ponto inicial da realização clara e definitiva do projeto de Deus, na pessoa de Jesus de Nazaré: nele, segundo João, "o projeto se torna realização" (Jo 1,14). O tema de fundo é a "visita de Deus" (1,68.78) ao mundo dos pobres: visita misericordiosa, que traz a "salvação de Deus" e cria um clima de imensa alegria e expectativa.

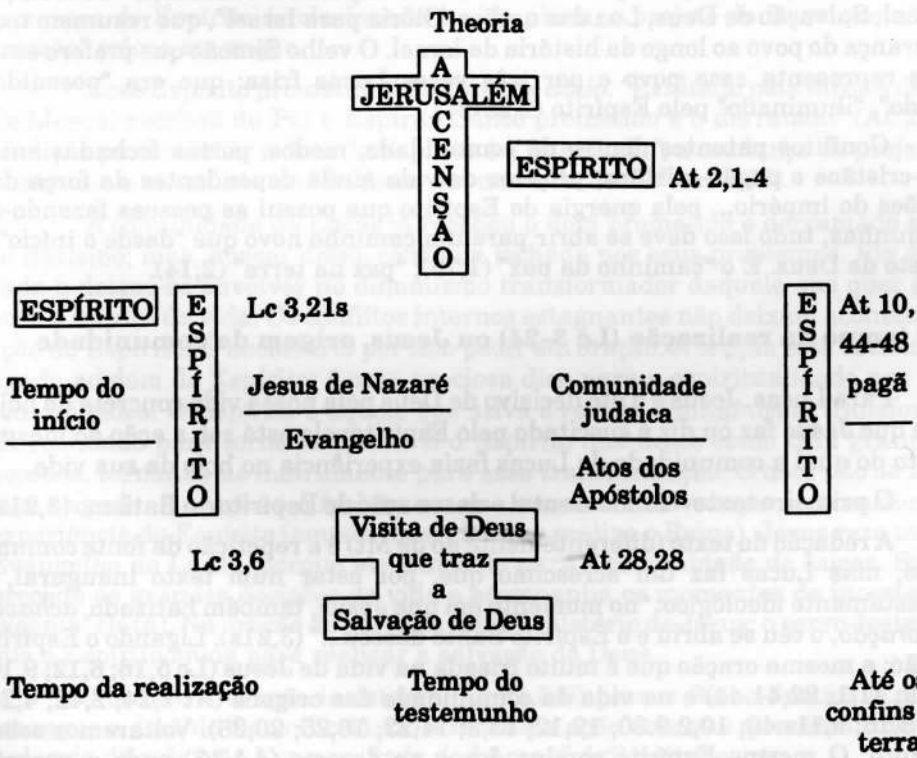
Alma de tudo isso é o Espírito Santo que preenche as pessoas, que realiza o impossível, escancara portas há séculos fechadas.

Com a pregação de João Batista inicia-se (como em todos os evangelhos) a apresentação histórica de Jesus (Lc 3–24): ele que é a origem da comunidade inicia seu "caminho para Jerusalém" a partir do seu Batismo, onde o Espírito manifesta sua vocação (Lc 3,21s) e entrega a missão (4,14-21). A visita de Deus que realiza a "salvação de Deus" (3,6) acontece em Jesus de Nazaré que "Deus ungiu com Espírito Santo e com poder e passou fazendo o bem e curando a todos" (At 10,38). Ponto alto da salvação de Deus é a morte na cruz de Jesus em Jerusalém que para Lucas, historiador grego, é a "Theoria" (Lc 23,48) que deve provocar o processo de arrependimento e de seguimento.

Em Jerusalém inicia seu caminho a comunidade cristã que deve levar a "salvação de Deus" até os confins da terra. O início dessa caminhada é marcado pelo Batismo no Espírito da comunidade judaica (At 2,1-4) e dos pagãos que entram na comunidade cristã (At 10,44-48). É o tempo do testemunho ao qual é chamada também a comunidade de Lucas, com seus problemas, e as comunidades de todos os tempos e lugares. O livro dos *Atos* é o relato desse testemunho e a Ascensão oferece o fundamento teológico.

Jesus volta ao Pai e quer que a sua comunidade continue a realizar a salvação de Deus. Por isso: "recebereis uma força, a do Espírito Santo, que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e a Samaria e até os confins da terra" (At 1,8). É o Espírito Santo que chama a comunidade de Lucas a ser testemunha de Jesus e do seu projeto e que dá a força para abrir novos caminhos.

Resumindo graficamente:



Tendo presente a estrutura da obra de Lucas, procuramos agora analisar mais atentamente as várias partes, em relação ao Espírito Santo.

3.2. O tempo do início (Lc 1–2) ou a origem de Jesus

Sete vezes é nomeado o Espírito. João é o primeiro personagem apresentado como "pleno de Espírito Santo" (1,15) ainda no seio de sua mãe, porque deve "caminhar à sua frente... para preparar ao Senhor um povo bem disposto (1,15-17). Jesus é anunciado como obra do Espírito Santo que cobre com sua "nuvem" Maria, sua mãe (1,35). Fineza de Lucas! O novo já está presente; quer nascer. O seio das duas mães, Isabel e Maria, é grávido de Espírito Santo. Essa "força" quer transformar as coisas... mas tem dificuldades: "Como é possível? Somos velhos" (1,18), diz Zacarias em nome também de sua esposa Isabel. "Como é possível, não conheço homem algum" (1,34), diz Maria. O Espírito aparece como a força que abre as portas fechadas: "não temas, Zacarias... não temas, Maria" (1,12.30) e que leva ao encontro e ao reconhecimento. A velha Isabel (o povo de Israel-comunidade judaica) reconhece na nova comunidade cristã (Maria) aquela em que acontece a visita misericordiosa de Deus através de Jesus e faz sua profissão de fé em Jesus e de adesão à comunidade nova: "A mãe do meu Senhor" (1,43). Isso também é o Espírito que faz entender. Por isso Isabel é "repleta do Espírito" (1,41); e Zacarias também, "repleto do Espírito" (1,67), dá aos judeu-cristãos em crise da comunidade de Lucas o anúncio profético: Deus visitou e redimiu o seu povo. Uma visita misericordiosa que liberta a comunidade e a guia para o "caminho da paz" (cf. 1,67-79). Nesse contexto é importante frisar também os títulos com os quais o Libertador é chamado: "Salvador e Senhor" (2,11), títulos com que era chamado o imperador romano; e "Consolação de Israel, Salvação de Deus, Luz das nações, Glória para Israel", que resumem toda a esperança do povo ao longo da história de Israel. O velho Simeão que profere esses títulos representa esse povo e por três vezes Lucas frisa: que era "possuído", "movido", "iluminado" pelo Espírito (2,25-27).

Conflitos patentes dentro da comunidade, medos, portas fechadas entre judeu-cristãos e pagão-cristãos; projetos de vida ainda dependentes da força das tradições do império... pela energia do Espírito que possui as pessoas fazendo-as testemunhas, tudo isso deve se abrir para um caminho novo que "desde o início" é o projeto de Deus. É o "caminho da paz" (1,79); "paz na terra" (2,14).

3.3. O tempo da realização (Lc 3–24) ou Jesus, origem da comunidade

Para Lucas, Jesus é o ato decisivo de Deus pela nossa vida concreta de hoje. Tudo o que Jesus faz ou diz é suscitado pelo Espírito; ele está sob a ação do mesmo Espírito do qual a comunidade de Lucas fazia experiência no hoje da sua vida.

O primeiro texto – fundamental – dessa ação do Espírito é o Batismo (3,21s).

A redação do texto (diferentemente do de Mt) é a repetição da fonte comum, Marcos, mas Lucas faz um acréscimo que, por estar num texto inaugural, é manifestamente ideológico: "no momento em que Jesus, também batizado, *achava-se em oração*, o céu se abriu e o Espírito Santo desceu..." (3,21s). Ligando o Espírito à oração: a mesma oração que é muito frisada na vida de Jesus (Lc 5,16; 6,12; 9,18; 9,28.29; 11,1; 22,41.44) e na vida da comunidade das origens (At 1,24; 2,42; 4,24; 6,4-6; 8,15; 9,11s.40; 10,2.9.30; 12,12; 13,3; 14,23; 16,25; 20,36). Voltaremos sobre o assunto. O mesmo Espírito conduz Jesus ao deserto (4,1-13) onde a vocação

messiânica de Jesus, recebida no Batismo, se esclarece e se define. Jesus aparece "pleno no Espírito Santo" (4,1) e é "com a força do Espírito Santo" (4,14) que ele inicia sua missão na Galiléia, proclamando, na sinagoga de Nazaré, seu programa: "O Espírito do Senhor está sobre mim. Ele me ungiu para evangelizar os pobres..." (4,18s). Lucas comenta que "todos admiravam-se das palavras de *graça* que saíam da sua boca" (4,22). Essa "graça" é o objeto do discurso de Jesus e é bem concretizada na citação de Is 61,1-2 e no seu conteúdo corresponde à "salvação de Deus" que é o grande tema-inclusão da obra de Lucas, como foi dito.

Daqui para a frente, seguindo o Evangelho, os discípulos de qualquer época verão na história de Jesus o que significa viver como filho.

Há outro elemento importante e característico de Lucas em referência ao Espírito: ele é *promessa* e *dom* (cf. At 2,33.38-39) que estão bem relacionados com a "graça-salvação".

É o Espírito prometido que realiza a graça ou salvação: "O Espírito do Senhor está sobre mim, me ungiu para evangelizar os pobres... e para proclamar um ano de *graça* do Senhor" (Lc 4,18s). Lucas pensa em Ez 36–37. Frente à situação triste em que se acha o povo no exílio da Babilônia, Ezequiel anuncia o desabrochar de uma nova criatura: "coração novo e espírito novo" que tornam a pessoa vivente, como em Gn 1–2.

Mas isso é só o pressuposto para a verdadeira novidade: "Porei no vosso íntimo *o meu Espírito*" e ele restabelecerá a Aliança (36,28), condição para a libertação econômica, política, moral (36,27-35): o que em Ez 37, a respeito dos "ossos secos", é chamado de vida: "Porei em vós *o meu Espírito* e vivereis" (37,6). A promessa do Espírito é relacionada à vida plena, o projeto de Deus que a "transgressão" coloca em xeque.

Esse Espírito prometido é finalmente *dado*. "Exaltado pela direita de Deus, ele (Jesus) recebeu do Pai o Espírito Santo prometido e o derramou" (At 2,33). A condição para receber o dom do Espírito é a *"metánoia"*, a mudança de projeto, que se assume e manifesta no "Batismo em nome de Jesus" (At 2,38).

A comunidade de Lucas já recebeu o dom prometido e derramado através do Batismo; mas, apesar disso, continua fechada nos seus problemas. Ela é convidada a deixar-se envolver no dinamismo transformador daquele que quer gerar o novo a serviço da vida. Os conflitos internos estagnantes não deixam acontecer essa ação do Espírito. É necessário por isso pedir em oração. A oração está estritamente ligada ao dom do Espírito: é uma preciosa dica para a espiritualidade nas nossas comunidades. O Espírito é aquele que ativa e realiza o dinamismo transformador da realidade para torná-la Reino. É o Espírito que desce como dom gratuito nas pessoas, tornando-as instrumento para essa transformação. O dom não se merece, mas se pede. A oração é o âmbito em que ressoa a Palavra que se transforma em experiência do Espírito (aquela "energia" que realiza o Reino). Jesus reza muito no Evangelho de Lucas, porque ele é modelo para a comunidade de Lucas. Sua reza precede as grandes decisões de vida e acompanha os momentos de incerteza e de "agonia" (luta). Na oração de Jesus se colhe o mistério de Jesus: o servo-testemunha que o Espírito envia para realizar a salvação de Deus.

Por isso a oração insistente (Lc 11,5-8) para o Reino-Justiça (Lc 18,1-8) consegue o dom de Deus (Lc 11,13) e facilita a ação dele que quer comunicar força e alegria de salvação à comunidade de Lucas, frágil e titubeante.

3.4. O tempo do testemunho (Atos) ou a comunidade das origens

Nos Atos, Lucas apresenta a comunidade das origens como ideal para que sirva de espelho e incentivo para a sua comunidade.

A presença do Espírito é abundante, quase a cada acontecimento.

Um significativo particular: em Lc 1–2 o Espírito, na sua plenitude, preenche aquelas pessoas que estão ligadas ao preparo da vinda de Jesus: João Batista (1,15) e seus pais (1,41.67). Maria é "coberta pelo Espírito" (1,35).

Em Lc 3–24 só de Jesus é dito "cheio de Espírito" (4,1).

E nos Atos são muitos a participarem dessa plenitude do Espírito: são "todos os que estavam reunidos no cenáculo" (2,4); é Pedro (4,8); são todos os da comunidade reunidos para agradecer a Deus pela libertação de Pedro e João (4,31); é Estêvão (6,5; 7,55); é Paulo (9,17); é Barnabé (11,24); é Judas e Silas (15,32, Texto D, Ocidental); são as Igrejas da Palestina (9,31). O Espírito centraliza Jesus. A mesma força que animou Jesus está agora animando as comunidades. A comunidade é fruto do Espírito e manifestação da sua força. Isso querem dizer os vários Pentecostes: aos judeus (2,1-4; 4,31), aos pagãos (10,44), ou aos discípulos de João (19,6). O Espírito possui a comunidade: ele "desce com força" (1,8; 10,44; 11,15; 19,6), ele fala (1,16; 2,4...), ele arrebata (8,39), ele indica o que fazer (11,12); ele faz profetizar (12,28; 21,11), ele separa e envia (13,2-4); ele concorda nas decisões (15,29), ele impede (16,6-7), ele adverte (20,23), ele constitui no ministério do pastoreio (20,28), ele sugere (21,4)... ele é a alma da comunidade.

A pergunta nasce espontânea na comunidade de Lucas (e em nós): Como concretizar o Espírito? Como fazer experiência dele? Como receber esse ardor, coragem, certeza?

At 16,6-7 pode dar uma luz. Nesse texto o Espírito Santo é identificado com o "Espírito de Jesus". Lembramos que os Atos se abrem com a Ascensão precedida pela promessa de Jesus: "recebereis uma força, a do Espírito Santo que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas..." (1,8).

A Igreja (foco das atenções de Atos) é assim definida. Ela é a comunidade na qual Jesus continua vivo nesta terra operando sua missão libertadora através do Espírito Santo. Esse Espírito ele recebeu do Pai e agora comunica aos discípulos como seu próprio Espírito para que eles sejam continuadores da sua mesma obra: sejam testemunhas.

Estruturalmente Lucas organiza o texto onde se descreve a Comunidade-Testemunha, aquela vivenciada pelo Espírito Santo, em duas linhas entrecortadas: os *resumos* (1,12-14; 2,42-47; 4,32-35; 5,12-15; 5,42) que apontam para os elementos essenciais que uma comunidade deve ter para fazer a experiência do Espírito; e as *narrações* (1,15–2,41; 3,1–4,31; 4,36–5,11; 5,17-41) centralizadas em Pedro, onde aparece, nas palavras e nos fatos, a fonte de ardor e coragem: o testemunho concreto de Jesus Cristo. Entre as narrações impressiona o "caso" de Ananias e Safira (5,1-11) que é considerado como "mentira ao Espírito" (v. 3). Com efeito o "reter" é o contrário da "comunhão-*koinonia*" tão característica de Jesus e essencial para a sua comunidade que vive o mesmo Espírito. Sem a *koinonia* se morre para a comunidade.

Também na comunidade das origens, o Espírito é intimamente ligado à oração. O primeiro Pentecostes acontece "quando estavam todos reunidos no mesmo lugar" (2,1) onde "unânimes perseveravam na oração" (1,14). É pela oração dos apóstolos Pedro e João que os samaritanos recebem o Espírito (8,14-17). Saulo ora

e vê (9,11s) e é acolhido na comunidade; Cornélio ora e vê (10,2-3) e abre o caminho do Espírito aos gentios. Pedro ora e vê (10,9-11). E nessas orações-visões se entende que é o Espírito que fala (10,19). Na Igreja de Antioquia, durante a liturgia (oração) o Espírito se manifesta e abre o caminho da missão "ad gentes" (13,2). Esses textos relatam momentos decisivos para o futuro do grupo de Jesus.

Outra característica da ação do Espírito, força-dom de Deus, é de descer na vertical para o mundo daqueles que não têm força (mulheres, os doze, samaritanos...) ou que perderam sua força (Paulo "caído do cavalo"); e de se projetar na horizontal, para longe, derrubando cercas e preconceitos, vencendo barreiras de religião e de cultura, de raças e de nacionalidades. Seus limites são "os confins do mundo", criando hospitalidade e aceitação.

4. ENFOQUES PARA UMA HERMENÊUTICA

O esforço de Lucas certamente terá conseguido seu objetivo.

Teófilo terá reconhecido a solidez da catequese recebida e – por ela reanimado – terá vencido suas fraquezas iniciando uma nova evangelização com "renovado ardor missionário". O Espírito continuou a ser força para o testemunho a Jesus Cristo.

Sabemos que o caminho da Palavra não termina nos primeiros destinatários. Ela, como a missão, vai "até os confins do mundo" e hoje interpela as nossas comunidades nas suas inseguranças e indagações. Quais os convites?

4.1. Antes de tudo a *centralidade de Jesus Cristo*. Uma comunidade é cristã na medida em que se torna discípula de Jesus ou na medida em que ela se deixe conduzir pelo seu Espírito. At 10, texto central na obra de Lucas, nos oferece os elementos básicos do discipulado: 1. A iniciativa vem do Espírito que convida e abre os caminhos. 2. Segue a Palavra (Kerygma) que anuncia o Nome que perdoa. 3. Depois o Espírito "cai" sobre todos os que, ouvindo a Palavra, aceitam e acolhem o dom do Espírito oferecido. 4. Daí segue o Batismo na água e no Espírito, em que se morre ao "mundo" para viver no Espírito de Jesus Cristo. 5. A catequese (expressa com o verbo "epimenein", sempre usado por Lucas em relação com os discípulos) feita dentro de uma experiência de comunhão faz com que o discípulo se torne testemunha. É nesse caminho de discipulado que se aprende de Jesus-modelo a simpatia pelos pobres, o desapego aos bens materiais, exemplo de vida pobre, a realização concreta da salvação-graça.

4.2. Conscientizar-se de que "*viver pelo Espírito* ou *no Espírito*" é o contrário de *viver na lei* ou *pela lei*. O Espírito é vento que sopra aonde ele quer. É dinamismo. É abertura ao novo. É convite aberto a descobrir o tempo de Deus atrás dos "sinais dos tempos". É fidelidade criativa. É liberdade. Espírito é carisma: dom que leva ao compromisso, a enfrentar o novo que aparece... bem longe da lei, fixista e rotineira; conservadora e preocupada em manter a "ordem" doutrinária, litúrgica, tradicional, institucional...

Viver no Espírito é fazer como Jesus que não repetiu o Antigo, mas, vivendo profundamente o "espírito do antigo", criou a novidade de vida, derrubando aquelas estruturas da lei que pareciam intocáveis.

4.3. O Espírito é sumamente *ecumênico*; ele fala e cada qual entende na *sua própria* língua materna. Não massifica, não uniformiza, mas une deixando a todos sua personalidade. A diferença é dom de Deus e o Espírito a respeita e organiza. As culturas são presença das "sementes do Verbo". Inculturar o Evangelho

é deixar que a força do Espírito faça brotar e desenvolva aquelas sementes no seu chão-cultura. É crer num só Espírito sem necessariamente crer numa só lei... grande desafio para a grande comunidade e para as pequenas também.

4.4. O Espírito é a alma da evangelização e sua força. É protagonista da *"nova evangelização"*. Esta não consiste tanto em maior criatividade, em novas análises da realidade, em metodologias atualizadas, em novos conteúdos... tudo isso ajuda, é instrumento precioso; mas não é possível identificar o que é próprio da razão, com o Espírito. Já Saint Exupéry fazia dizer à raposa do "Pequeno Príncipe": "Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos".

Para Lucas, nova evangelização é deixar o Espírito falar, reconhecê-lo nos acontecimentos, e segui-lo na atuação. Porque o Espírito enxerga além das portas fechadas, pensa em universal, realiza as maravilhas de Deus.

Por isso mais uma vez, com Lucas, queremos acreditar na *oração* entendida como sintonia com o projeto de Deus em uma atitude de escuta e confiança filial para uma nova evangelização.

4.5. A *leitura bíblica* também, para que seja "Palavra de Deus" que nos interpela, deve ir além dos confins da razão (sem excluir a razão!). As várias e diferentes metodologias de leitura bíblica ajudam no seu entendimento, porém não substituem a atenção amorosa e fiel ao próprio Espírito. Um bom proveito na leitura bíblica, portanto, haverá no conúbio harmônico de coração e inteligência: de povo e de exegeta.

BIBLIOGRAFIA

BORREMANS, J. L'Esprit-Saint dans la catéchèse évangélique de Luc. In *Lumen Vitae* 25 (1970) 103-122.

GEORGE, A. L'Esprit-Saint dans l'oeuvre de Luc. In *Revue Biblique* 85 (1978) 534-541.

MESTERS, Carlos. Pluralismo en la manera de vivir la misma fe en Jesucristo. In *Christus* 596 (V/1986) 58-62.

SCHWANTES, Milton. O Espírito faz história. In *CEBI-CECA*. 10 (1988).

TEIXEIRA, Faustino L.C. As CEBs no Brasil: cidadania em processo. In AA.VV. *CEBs – Cidadania e modernidade*. Edições Paulinas, São Paulo, 1993, p. 7-14.

Carlos Roberti
Rua Santa Maria Gorete 2607
64016-400 Teresina, PI